

A colecção “Vila Franca de Xira - Saber Mais Sobre ...” será constituída, numa primeira fase, por dez livros, de edição bimestral.

Volumes que integram a colecção:

1. Feiras, Festas e Romarias
EDITADO A 15 JANEIRO DE 2010

2. As Linhas Defensivas de Torres Vedras
EDITADO A 30 ABRIL DE 2010

3. Gastronomia
EDITADO A 01 JULHO DE 2010

4. Museus do Concelho
EDITADO A 09 NOVEMBRO DE 2010

5. Património de Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria e Vialonga
EDITADO A 25 FEVEREIRO DE 2011

6. Património de Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira

7. Património de Alhandra, Cachoeiras, São João dos Montes e Sobralinho

8. Património de Alverca e Calhandriz

9. História de Vila Franca de Xira

10. Instituições de Solidariedade Social

Preço de venda:

3.00 euros

Locais de venda:

Posto de Turismo, Museu Municipal e Museu do Neo-Realismo (Vila Franca de Xira)

MUNICÍPIO DE VILA FRANCA DE XIRA
www.cm-vfxira.pt

VILA FRANCA DE XIRA - SABER MAIS SOBRE ... Património de Alhandra, Cachoeiras, São João dos Montes e Sobralinho



Vila Franca de Xira **SABER MAIS SOBRE ...**



*Património de Alhandra, Cachoeiras,
São João dos Montes e Sobralinho*

A colecção Vila Franca de Xira – saber Mais Sobre..., criada pela Câmara Municipal, dá corpo a um dos objectivos primordiais da autarquia, que é o de comunicar e educar, divulgando, os resultados das pesquisas efectuadas. A intenção é dinamizar, através dessas investigações, uma consciência patrimonial activa, potenciando os recursos concelhios nessa área e o desenvolvimento local.

As atenções dirigem-se sobretudo para a divulgação da cultura local, erudita ou popular, muitas vezes só guardada até aí pela tradição oral, o espólio patrimonial edificado e a História de carácter identitário da região e das suas comunidades, capazes de interessar a diferentes tipos de públicos. São livros de fácil acesso e consulta, destinado a quem nos visita ou contacta.

As edições, basicamente informativas, abordarão temáticas variadas, das Feiras, Festas e Romarias aos museus, instituições relevantes da sociedade civil, equipamentos municipais ou espaços públicos de lazer, cultura e recreio. Em cada item a tratar será apresentada a sua raiz histórica e fornecidos os elementos facilitadores da orientação dos públicos que não conhecem o Concelho.

Vila Franca de Xira **SABER MAIS SOBRE ...**

**Património
de Alhandra, Cachoeiras,
São João dos Montes
e Sobralinho**

Volume 7

FICHA TÉCNICA

Título original

Vila Franca de Xira – Saber Mais Sobre...
Património de Alhandra, Cachoeriras, São João
dos Montes e Sobralinho

Autor

Oriando Raimundo

Edição

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Praça Afonso de Albuquerque, 2
2600-093 Vila Franca de Xira

Coordenação Editorial

O Correr da Pena – Comunicação,
Marketing, Edições
Praceta Capitão Américo dos Santos,
7-2.º Dt.º
2735-049 Agualva-Cacém

Parceria

O Correr da Pena – Comunicação, Marketing,
Edições e Terra Branca, Comunicação Social,
Lda.
Rua 31 de Janeiro, 22
2005-188 Santarém

Apoio Documental

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Pesquisa

José Alexandre

Revisão

Maria Manuela Alves

Fotografia

Bancos de imagens da Assembleia Distrital
de Lisboa, Casa-Museu Dr. Sousa Martins,
Gabinete de Informação e Relações Públicas da
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Junta
de Freguesia de Alhandra, Junta de Freguesia
de Sobralinho, Museu Municipal de Vila Franca
de Xira, Jornal O Mirante e O Correr da Pena

Paginação

CMVFX/GGIRP

Impressão

Colibri – Artes Gráficas

1ª Edição: Julho de 2011

© O Correr da Pena e Câmara Municipal de
Vila Franca de Xira, 2011

ISBN: 978-989-8254-12-2

Depósito Legal:

ÍNDICE

00 Prefácio

00 PARTE I: PATRIMÓNIO DE ALHANDRA

- 11 O antigo lugar de Torre Negra
- 12 Cais de Alhandra
- 13 O nadador Baptista Pereira
- 14 Capela da Senhora da Guia
- 15 Ermida de Nossa Senhora da Conceição do Portal
- 16 Igreja Matriz de São João Baptista
- 17 Monumento ao Dr. Sousa Martins
- 18 Monumento das Linhas de Torres
- 20 Neves Costa, o cartógrafo das fortificações
- 21 Monumento a Soeiro Pereira Gomes
- 22 O mestre do Neo-Realismo
- 23 Sociedade Euterpe Alhandrense
- 25 A musa da música
- 26 Mercado de Alhandra
- 27 Coreto de Alhandra
- 28 Teatro Salvador Marques
- 29 O dramaturgo dos sete ofícios
- 30 Monumento à tauromaquia
- 31 Pelourinho de Alhandra

PARTE II: PATRIMÓNIO DE CACHOEIRAS

- 35 Uma povoação medieval
- 36 Igreja da Senhora da Purificação
- 37 Quinta da Granja
- 38 Quinta das Covas
- 39 Quinta Nova do Campo

ÍNDICE

00 PARTE III:

PATRIMÓNIO DE SÃO JOÃO DOS MONTES

- 43 Um território templário
- 45 Ermida de São Romão
- 46 As lendas de São Romão e dos cavaleiros sedentos
- 47 Igreja Matriz de São João Baptista
- 48 Quinta do Bulhaco
- 49 Quinta Municipal de Subserra
- 51 Capela de São José
- 52 Nobreza cede lugar ao povo
- 53 Os jardins geométricos

00 PARTE IV:

PATRIMÓNIO DE SOBRALINHO

- 57 Terra da Antiguidade
- 58 Quinta Municipal do Sobralinho
- 59 Matos do Sobralinho
- 60 Palácio do Sobralinho
- 62 Da Restauração à Democracia
- 64 Quinta do Bom Jesus
- 65 Ruínas do Convento de Nossa Senhora dos Anjos

67 BIBLIOGRAFIA

69 CONTACTOS

O sétimo Volume da Coleção de Guias “Vila Franca de Xira. Saber Mais Sobre...”, dá a conhecer o extenso e rico Património das freguesias de Alhandra, Cachoeiras, São João dos Montes e Sobralinho. Nesta diversidade de freguesias rurais e urbanas, é de novo possível encontrar, em cada uma delas, as mais diversas referências patrimoniais, não apenas históricas e religiosas, mas também, em muitos casos, sob o signo da modernidade que marca os nossos dias.

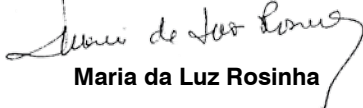
Destaco as Quintas Municipais do Sobralinho e de Suberra como dois exemplos vivos da intervenção municipal no sentido da preservação do património, não apenas o edificado mas também o natural e paisagístico, colocando estes espaços à disposição das populações, ao mesmo tempo que são também uma fonte de rentabilidade para o Município.

No caso da freguesia das Cachoeiras, diria que o próprio ambiente natural no qual a povoação se insere, é em si mesmo um património de valor incalculável, e de excepção se considerarmos a proximidade de freguesias tão densamente povoadas como é o caso de Vila Franca de Xira. Tem também, é claro, muito património edificado, que vale sem dúvida a pena descobrir.

Quanto à Alhandra, o conjunto do seu património espelha de uma forma muito própria as vivências únicas daquela localidade, seja no campo da literatura, das artes, da espiritualidade, da religião ou da vivência social.

São quatro freguesias e quatro motivos únicos para nos visitar e descobrir um pouco mais do muito que temos para vos oferecer!

A Presidente da Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira



Maria da Luz Rosinha



PARTE I

PATRIMÓNIO DE ALHANDRA



O ANTIGO LUGAR DE TORRE NEGRA

Designada inicialmente Alhama, como acontecia com Aragão, Granada e Múrcia, localidades termais árabes em Espanha, Alhandra foi também conhecida, no período que se seguiu à Reconquista Cristã da Península Ibérica, como o lugar de Torre Negra. A palavra Alhama, que deu origem a Alhandra, poderá derivar de uma corrupção árabe da palavra Alhoderá ou Alhodra, que identifica tributo. A hipótese – porque é disso que se trata – não está historicamente confirmada, uma vez que é grande o desconhecimento sobre a vida no local no período anterior à reconquista cristã.

Antes dos árabes, por aqui passaram os barcos romanos, conforme se comprova pelos fragmentos de ânforas, usadas no transporte de vinho, encontrados frente à lezíria, na zona do Marquês, e entre o Mouchão de Alhandra e as lezírias. A Igreja, que assumiu a propriedade das terras depois da expulsão dos mouros, que ficaram desertas, chamou ao lugar desabitado e improdutivo Herdade de Alhandra. Para atrair povoadores, o Bispo de Lisboa, D. Soeiro Gomes, em Abril de 1203 concede alguns privilégios aos habitantes, beneficiando o clero e a nobreza que quisessem mandar cultivar a terra, desde que cumprissem as obrigações forais por ele impostas.

Os primitivos habitantes terão

vivido no alto do monte, onde se ergue a Igreja Matriz de São João Baptista, a avaliar pelos vestígios de habitações e as moedas encontradas nas proximidades do Poço Bravo. Os altos privilégios da Igreja só foram moderados em 1480, por decisão de Cardeal D. Jorge da Costa, que fez um acordo com o Senado da Câmara, restringido as prerrogativas dos preladados.

Alhandra foi concelho durante mais de seis séculos, englobando as freguesias de São João dos Montes e Calhandriz e, mesmo, de 1850 a 1855, Alverca. Até finais do séc. XIX, a população vivia da pesca, da agricultura e do fabrico de telha e tijolo. Mas a industrialização trouxe a Fábrica de Fiação de tecidos de lã, mais tarde conhecido por Empresa Nacional de Penteação de Lãs, na Quinta da Figueira e a Fábrica de Cimentos Tejo, de António Teófilo Araújo Rato, iniciando uma profunda mudança. A Praça 8 de Maio de 1944, junto à Estação Ferroviária, imortaliza a data da primeira greve aqui realizada. O progresso associado à mudança fez com que boa parte das construções seja da viragem do séc. XX, muitas com fachadas de azulejos. E representativo é também o Bairro Fabril da Cimpôr, com pátio ao centro, criando um arremedo de aldeia portuguesa, bem à medida dos valores do Estado Novo.

CAIS DE ALHANDRA

Avenida Baptista Pereira
(Alhandra)

Importante entreposto histórico de circulação de pessoas e mercadorias entre Lisboa, a região da Estremadura e as localidades interiores da freguesia, o Cais de Alhandra, que se destaca na zona ribeirinha, é o segundo cais mais importante da região de Vila Franca de Xira, de onde partiam as produções locais de



trigo, vinho, melão, carvão, leite e palha.

Na primeira metade do século XX ainda se avistavam os golfinhos do Tejo. O rio era então povoado por dezenas de fragatas, barcos varinos, faluas. A murraça que crescia nos mouchões, e com a qual se abasteciam as vacarias e se alimentava o gado, era trans-

portada até ali em bateiras. Muitos barcos acostavam ao cais apenas para descarregarem as mercadorias que seguiam para a estação do Caminho de Ferro e dali para outros destinos.

Inaugurado em Fevereiro de 2005, no âmbito do processo de requalificação da zona ribeirinha, o Cais 14 está mais vocacionado para o recreio, o turismo e a diversão. Hoje, o movimento mercantil limita-se praticamente aos batelões que descarregam soja para a fábrica de óleos alimentares, embora ainda por ali circulem pescadores artesanais. Não havendo camionagem, a intermediação entre o barco e o comboio era assegurada por galeras e carroças puxadas a cavalos.

Tempos houve em que grandes carregamentos de caixas de fruta, sobretudo maçã e uva, trazidos em carros de bois ou cavalos, passavam no cais para as fragatas que os levavam para os navios de exportação, com destino aos portos da Inglaterra, Alemanha, África e Brasil.

O NADADOR BAPTISTA PEREIRA

O novo Cais 14 de Alhandra fica no final da Avenida Baptista Pereira, toponímio que homenageia grande nadador alhandrense. Baptista Pereira foi o único português a conseguir, até hoje, atravessar a nado o Canal da Mancha. A ousadia ocorreu duas vezes – a primeira em 21 de Agosto de 1954, com um tempo próximo das doze horas; e a segunda a 27 de Agosto de 1959, dessa vez em apenas 13 horas e 12 minutos. A sua enorme popularidade é indissociável da figura do Gineto, o personagem central do romance “Esteiros” de Soeiro Pereira Gomes. Foi nele que o escritor neo-realista se inspirou para criar o líder rebelde e violento do bando de miúdos pobres das margens do Tejo, que pareciam homens mas nunca foram meninos.

Joaquim Baptista Pereira, que inevitavelmente se tornou militante comunista, já era aos 13 anos o miúdo mais popular da terra. Filho de pescador, o Quim, como era conhecido, nasceu numa bateira e iniciou-se ainda criança na faina, como carregador de botes, intercalando o trabalho com braçadas vigorosas até aos mouchões do Tejo. Nunca foi à escola, andava de pé descalço, vestia roupa remendada e passava fome. Atraído pelo rio, aventurou-se depois a distâncias mais longas: Lisboa-Vila Franca, Barreiro-Alhandra e



Peniche-Berlengas.

O seu currículo desportivo é impressionante: foi recordista nacional dos 400 e 1500 metros livres, recordista europeu de Longa Distância e Permanência na água (26 horas e 12 minutos), recordista mundial das Travessias do Canal de Gibraltar (1953) e do Canal da Mancha (1954); e, ainda, vencedor absoluto das Travessias do Tejo e de Sesimbra, e da Meia-Milha da Foz.

No regresso da primeira Travessia da Mancha, a população de Alhandra recebeu-o em festa e os operários locais construíram-lhe e ofereceram-lhe a casa onde habitou com a família.

Faleceu em 1984, com a idade de 63 anos.

CAPELA DA SENHORA DA GUIA

Rua Salvador Marques
(Alhandra)



Templo de arquitectura maneirista e barroca, a Capela de Nossa Senhora da Guia é o mais antigo edifício preservado de Alhandra. Acolhe os objectos litúrgicos e as imagens das igrejas de Alhandra que foram destruídas pelo Terramoto de 1755, por ter sido um dos edifícios que melhor resistiram ao abalo sísmico. Foi ali que se guardou também grande parte do espólio que foi possível salvar da Igreja Matriz, consumida por um incêndio em 1887.

Nos Anos 30 do século XX, o

templo foi adaptado a sede da Junta de Freguesia de Alhandra, retomando mais tarde a sua função religiosa. Na nave única, com tecto de madeira, podem apreciar-se dois baldaquinos (coberturas sustentadas por colunas) em talha dourada e pintada, com as imagens de Nossa Senhora da Conceição e de Cristo crucificado. Os muros laterais da capela-mor, antecedida de arco triunfal de volta perfeita, em cantaria, são revestidos com azulejos do século XVII.

A Capela de Nossa Senhora da Guia foi mandada construir em 1611, num local de fácil acesso, junto à Antiga Estrada Real, pelo fidalgo Francisco Annes Trancoso, homem culto da época.

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO PORTAL

Rua D. Tomás de Almeida
(Alhandra)

Templo de arquitectura barroca, a Ermida de Nossa Senhora da Conceição do Portal, em Alhandra, foi mandada construir no século XVII por D. António Severim de Noronha, então um dos homens mais ricos do país. É um edifício rectangular, com três corpos, protegido por muros de reboco pintado. A nave única, com tecto de madeira, possui coro-alto, com protecção de madeira, e um retábulo, também de madeira, em talha dourada e pintada, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Duque de Terceira e Marquês e Conde de Vila Flor, D. António Severim de Noronha foi quatro vezes primeiro-ministro de D. Maria II, no período de crise e instabilidade que se seguiu à Revolução Liberal de 1834 e à guerra civil entre liberais e absolutistas.



IGREJA MATRIZ DE SÃO JOÃO BAPTISTA

Alto do Castelo
(Alhandra)



Fundada pelo cardeal D. Henrique em 1558, no início do reinado de D. Sebastião, quando o sucessor do jovem rei ainda era Arcebispo de Lisboa, a igreja matriz de Alhandra, dedicada a São João Baptista, é hoje um templo bastante diferente do que então foi edificado. A primitiva Igreja era uma construção majestosa, que um incêndio destruiu em 1887. A actual, mandada reconstruir mais tarde pelo rei D. Luís, que tinha em relação à religião católica o distancia-

mento que os seus antecessores não tiveram, é um templo simples e despojado.

O cardeal, que viria a ser Rei de Portugal depois do desaparecimento de D. Sebastião em Alcácer-Quibir, tinha planeado uma obra marcante, do ponto de vista arquitectónico e artístico. Mandou mesmo que a construção se fizesse numa elevação, duzentos metros acima da cota da vila, onde em tempos existira a Ermida de Santa Catarina. Dali se podia apreciar o Tejo e a Serra de Alhandra. O miradouro ainda hoje existe, avistando-se dali não só o rio mas as lezírias e o monumento evocativo das Linhas de Torres.

Apesar da sua simplicidade, a actual Igreja Matriz de São João Baptista, beneficia ainda do facto de se encontrar num local privilegiado – o centro histórico da vila – e de guardar uma importante colecção de arte sacra dos séc. XVII e XVIII, de grande qualidade, que vale a pena ver. Para além de alguns objectos salvos do incêndio de 1887, exhibe uma pintura barroca de grandes dimensões na zona do altar.

MONUMENTO AO DR. SOUSA MARTINS

Praça 7 de Março
(Alhandra)

Instalado na praça baptizada com a data de nascimento do Dr. Sousa Martins – 7 de Março de 1843 – (antes Praça Serpa Pinto) o memorial de homenagem ao famoso médico de Alhandra foi inaugurada em 1908, onze anos depois da sua morte. O busto, fundido em bronze no Arsenal do Exército, é da autoria do escultor Costa Motta (Tio), o mesmo que concebeu a famosa estátua do Campo dos Mártires da Pátria, em Lisboa.

Construído por subscrição entre os amigos e admiradores do médico, o monumento ocupa o lugar onde antes esteve o Pelourinho de Alhandra, frente à antiga Casa da Câmara, apedado em 1893. A praça está hoje diferente, uma vez que o edifício da antiga Câmara desapareceu também, destruído pelo Terramoto de 1909.



Para além da Casa-Museu, o médico Sousa Martins dá ainda nome em Alhandra a uma Escola do Ensino Básico, construída em 1901 em sua homenagem, com dinheiro recolhido numa subscrição pública.

MONUMENTO DAS LINHAS DE TORRES

Alto de Alhandra
(Alhandra)



Conhecido como Monumento a Hércules, o Monumento Comemorativo das Linhas de Torres Vedras foi mandado projectar e construir em 1860 pelo Marquês Sá da Bandeira, no local onde existiu o Forte da Boa Vista, no extremo sudeste da Serra de São Lourenço. A escultura é da autoria de Simões de Almeida, artista de finais do século XIX. Para além do seu valor histórico e patrimonial, o monumento é

um marco na paisagem, que já faz parte do Percurso Pedestre delineado ao nível da 1ª Linha defensiva pelo Município de Vila Franca de Xira.

O local oferece uma visão panorâmica sobre as lezírias, o Tejo, a vila de Alhandra e a área industrial envolvente. Verdadeiramente extraordinário, do ponto de vista turístico, este miradouro, situado a curta distância da Estrada Nacional 10, que liga Vila Franca a Lisboa, ali foi construído o Forte da Boa Vista que fazia parte das Linhas de Torres. E ao lado do Miradouro do Forte existe uma zona de lazer, com árvores, mesas e bancos, onde os visitantes podem organizar piqueniques. Célebre pela sua força, o grego Hércules, filho de Júpiter e Alcmena, é representado no monumento por três dos seus mais conhecidos atributos: a barba, a pele do leão e a clava. O fuste da coluna em que assenta foi feito a partir de uma peça de mármore de Pêro Pinheiro.

O monumento celebra a vitória das tropas anglo-lusas sobre os exércitos napoleónicos e a construção das Linhas, corolários da resistência tenaz dos exércitos aliados à invasão, que assegurou a independência da Península Ibérica.

Com mais de dois metros de altura, a estátua assenta numa

MONUMENTO DAS LINHAS DE TORRES

Alto de Alhandra
(Alhandra)

gigantesca coluna de fuste liso de sete metros e noventa e cinco, com capitel dórico. É feita em cantaria de calcário, o já referido mármore branco de Pêro Pinheiro e ferro. Dos lados Este e Oeste figuram duas placas, uma dedicada à memória do oficial do corpo de engenharia, J.M. das Neves Costa, datada de 5-III-1911; e outra evocativa do tenente-coronel Richard Fletcher.

Na primeira está escrito: “À memória de J.M. das Neves Costa, oficial do Real Corpo de Engenharia, a cuja iniciativa e persistentes esforços se devem os estudos fundamentais do terreno em que foram levantadas as Linhas de Torres Vedras”. Assinam a homenagem os oficiais da Arma de Engenharia do Exército Português.

A segunda placa contém a seguinte descrição: “ À memória de J. Fletcher, Tenente Coronel de Engenharia do Exército Inglês, a cuja competência e

incansável actividade se deve a rápida construção das Linhas de Torres Vedras”. Assinam os oficiais da Arma de Engenharia do Exército Português. Por lapso, na placa de homenagem foi colocada, enquanto sigla do nome próprio, a letra J, sendo certo que o nome verdadeiro deste oficial era Richard.

Já em 2011, a Câmara Municipal foi responsável pelas obras de requalificação do observatório de paisagem e arranjo paisagístico de toda a zona envolvente ao Monumento. A intervenção abrangeu uma área total de perto de 10 mil metros quadrados e teve como objetivos requalificar a zona, valorizando os recursos ecológicos, ambientais e histórico-culturais. Criou também uma área de recreio e lazer, potenciando as características morfológicas e ambientais de um local que é sem dúvida um marco importante na “Grande Rota das Linhas de Torres”.



NEVES COSTA, O CARTÓGRAFO DAS FORTIFICAÇÕES

O engenheiro militar Neves Costa, que desenhou os mapas do terreno onde foram levantadas as Linhas de Torres, foi um cartógrafo genial. Quando as Invasões Francesas se iniciaram já tinha concebido a triangulação e levantamento topográfico da área entre Lisboa e Peniche. Às ordens do inglês Richard Fletcher, o principal obreiro das fortificações, foi o português que mais se destacou em 1810 na construção das Linhas.

Nascido em 1774, Neves Costa foi um dos melhores alunos do Real Colégio das Necessidades, da Academia de Marinha e da Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho. Partidário das ideias liberais, chegou a ser escolhido por D. João VI para o cargo de Ministro da Guerra, mas o retrocesso absolutista, iniciado em 1823 com Vilafrancada, inviabilizou a decisão.

A sua carreira militar foi brilhante: 2º Tenente de Engenharia aos 23 anos, 1º Tenente e Capitão aos 26, Major aos 33, Tenente-Coronel aos 45, Coronel aos 46 e Brigadeiro aos 63. Como qualquer bom militar, que cumpre ordens, esteve dos dois lados do conflito, em duas fases das Invasões. Trabalhara, no reinado de D. Maria I, na secretaria do Duque de Lafões e na Brigada de Engenharia. Nomeado membro do



Estado-Maior da Inspeção das Praças-Fortes, chefiado pelo Marquês La Rosière, a estrela do Exército francês, teve uma ascensão rápida. Em 1806, o influente Marquês de Marialva, D. Pedro de Meneses Coutinho, amante da futura rainha Carlota Joaquina e provável pai de D. Miguel, escolhe-o para organizar o Arquivo Militar. Durante a 1.ª Invasão, comandada por Junot, procedeu ao reconhecimento militar do terreno ao norte de Lisboa e entre o Cabo da Roca e a Ericeira.

Faleceu em 1841, com a idade de 67 anos.

MONUMENTO A SOEIRO PEREIRA GOMES

Praça Soeiro Pereira Gomes
(Alhandra)



A Praça Soeiro Pereira Gomes, de frente para o Tejo, junto à Avenida dos Esteiros, concentra o monumento a Soeiro Pereira Gomes, a Sociedade Euterpe Alhandrense, o Coreto e a estátua de homenagem à Tauromaquia. O arruamento, antes denominado Largo do Jardim e Praça Serpa Pinto, foi requalificado pela Câmara de Vila Franca de Xira como espaço de recreio e lazer, associado ao parque urbano ribeirinho situado perto. Substituído o pavimento, melhorados os espaços verdes e a iluminação e recuperada a fonte de pedra, a Praça ganhou a dignidade de sala de visitas de Alhandra.

O monumento ao escritor Soeiro Pereira Gomes e aos “homens que nunca foram meninos”, heróis do seu famoso romance “Esteiros”, é da autoria dos escultores João Duarte e João Afra, vencedores do con-

curso público aberto em 1981 pela autarquia. Obra emblemática do neo-realismo português, “Esteiros”, publicado em 1941, com ilustrações de Álvaro Cunhal, conta as vivências das crianças-operárias, trabalhadoras dos telhais. Mais do que inspiração, o livro é um relato nascido da observação directa do escritor, que em Alhandra trabalhou como funcionário administrativo, precisamente na fábrica Cimento Tejo

Professor de escultura da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, João Duarte, autor de dezenas de monumentos públicos e da Medalha Comemorativa do Centenário da República, foi em 2010 homenageado pela Federação Internacional da Medalha de Arte. Falecido em Setembro de 2007, João Afra era também professor da Faculdade de Belas Artes, proprietário da famosa “Casa Encarnada” de Peniche e autor do monumento erguido na terra ao 25 de Abril.

O MESTRE DO NEO-REALISMO

Autor da obra emblemática do neo-realismo português, o romance “Esteiros”, dedicado “aos filhos dos homens que nunca foram meninos”, Soeiro Pereira Gomes, “o escritor de Alhandra” não nasceu no Ribatejo. Originário de uma família da pequena burguesia rural de Gestação, (concelho de Baião, distrito do Porto), onde nasceu em Abril de 1909, escolheu Alhandra como terra de adopção. Para aqui veio viver aos 21 anos, e aqui casou com Manuela Câncio, filha do grande republicano e oposicionista Francisco Filipe dos Reis.

O romance retrata o quotidiano de miséria, e a exploração do trabalho infantil, durante o Estado Novo, numa localidade ribatejana da beira-rio, propositalmente não identificada para poder servir de exemplo. A narrativa gira à volta de um bando de miúdos de pé-descalço, que sobrevive a trabalhar nos esteiros do Tejo. Ali, entre lodo e lama, colhe matéria-prima para as fábricas de tijolo. O escritor trabalhava como funcionário administrativo na Fábrica de Cimentos Tejo, em Alhandra, e contou o que viu e escutou.

Vivia há sete anos em Alhandra quando, em 1937, adere ao Partido Comunista Português, então na clandestinidade. Envolve-se a fundo na luta polí-

tica, passa à clandestinidade e ascende ao comité central em 1948. Morreu de cancro, aos 40 anos, na clandestinidade, fracassados que foram os tratamentos a que se submeteu, sob nome suposto, no Instituto Português de Oncologia. O PCP fez dele uma bandeira e, logo a seguir ao 25 de Abril conseguiu que o seu nome fosse dado à rua onde se situa a sede nacional do partido, em Lisboa.

Soeiro Pereira Gomes só foi verdadeiramente descoberto pelos seus contemporâneos em 1971, 22 anos depois da sua morte e 31 anos após a publicação d’ “Os Esteiros”, quando as Publicações Europa-América, dirigidas pelo resistente Francisco Lyon de Castro, aproveitando a ténue abertura da chamada “Primavera Marcelista”, reeditam a obra-prima.



SOCIEDADE EUTERPE ALHANDRENSE



Na Praça Soeiro Pereira Gomes encontra-se também a Sociedade Euterpe Alhandrense, fundada a 2 de Dezembro de 1862, em redor de uma banda de música, que ainda hoje existe. É a mais antiga colectividade do concelho de Vila Franca de Xira, beneficiando desde 1979 do estatuto de instituição de utilidade pública.

A banda, e com ela a colectividade, nasceu da iniciativa de três homens apaixonados pela música – José Amaro, Manuel Lázaro e João da Guarda – a que se juntaram muitos outros

habitantes de Alhandra. O cariz popular da colectividade ainda hoje se mantém, a ponto de em quase todas as casas haver um sócio.

Ali funciona, desde 1997, o Conservatório Regional que ostenta o nome do maestro e compositor Silva Marques, que foi regente da banda. A escola de música, reconhecida oficialmente pelo Ministério da Educação, não está aberta apenas aos jovens de Alhandra. Ali se acolhem também jovens de Castanheira do Ribatejo e Sobralinho e outros, vindos dos concelhos

SOCIEDADE EUTERPE ALHANDRENSE



vizinhos de Azambuja, Alenquer, Arruda dos Vinhos e Loures. Ao longo da sua existência, o Conservatório de Alhandra, que é já um dos mais importantes pólos culturais do concelho de Vila Franca de Xira, tem dado formação musical a dezenas de jovens e produzido bons músicos. A criação de uma orquestra de sopros é agora um dos grandes objectivos do Conservatório, que pretende dotar, com a sua dedicação à causa, a zona Norte da Área Metropolitana de Lisboa de mais este importante instrumento de ensino e democratização da música. E a Orquestra de Sopros não é o único projecto em carteira. A Euterpe, que possui já um Atelier de Jazz, pretende ainda criar um Conservatório de Dança. A Euterpe patrocina diversas outras actividades: um Grupo Coral adulto e outro infantil, um Grupo de Teatro, aulas de Ballet, Ginástica, Taek-won-do,

Natação e Andebol. Para além de uma interessante biblioteca, acolhe o Núcleo Filatélico de Alhandra.

Membro Honorário da Ordem de Mérito, a colectividade possui ainda a Medalha de Mérito do Concelho de Vila Franca de Xira, o Diploma de Honra da Federação das Sociedades de Educação e Recreio, a Medalha de Mérito e a Medalha de Ouro de Instrução e Arte da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio.

A MUSA DA MÚSICA

Os fundadores da Sociedade Euterpe Alhandrense colocaram o nome de Euterpe na designação da colectividade, em homenagem à musa da Música. Embora repartisse a missão inspiradora com a sua irmã Polímnia, encarregue especificamente da Música Cerimonial e dos Hinos, Euterpe era a força geradora da alegria e do prazer dos sentidos. Eram ambas filhas de Zeus, o Rei dos Deuses, e de Mnemósine, a Deusa da Memória, que tiveram nove filhas gémeas. As outras sete eram Caliope, musa da Eloquência; Clio, da História; Erato, da Poesia Lírica; Melpômene, da Tragédia; Jhenniffer, da Comédia, Terpsicore, da Dança; e Urânia, da Astronomia

As nove ninfas imaginárias foram geradas em tempo de paz, após a mítica vitória dos deuses do Olimpo sobre os Titãs. Cantavam em coro o passado, o presente e o futuro, acompanhadas à lira pelo seu meio-irmão Apolo, filho da relação de Zeus com Leto. Euterpe, a *Doadora de Prazeres*, é representada desde a Antiguidade Clássica com uma flauta dupla.



MERCADO DE ALHANDRA

Rua Duque da Terceira
(Alhandra)

Mandado construir pelo povo, com dinheiros obtidos numa subscrição pública, o Mercado de Alhandra, na Rua Duque de Terceira, é uma obra dos Anos 20 do século XX. Os terrenos pertenciam então à Santa Casa da Misericórdia de Alhandra (fundada em 1577), que ali possuiu durante mais de trezentos anos a sua igreja.

Inaugurado a 12 de Junho de 1927, o edifício é um bom exemplo da arquitectura novecentista, com uma curiosa planta em “L” e portão de ferro forjado. O seu actual proprietário é a Associação do Hospital Civil, uma IPSS sem carácter religioso, nascida em 1935 da fusão da Santa Casa da Misericórdia de Alhandra com o Hospital de Caridade, criado em 1851 pela Marquesa de Suberra. A instituição, que já na época apoiou a construção do mercado, cedeu a gestão do espaço à Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, em troca de uma renda mensal.

Antes desta construção, o Mercado de Alhandra funcionava ao ar livre, no espaço da Praça Serpa Pinto, vulgarmente conhecida por Largo da Praça. Está retratado num belo azulejo, que se encontra no interior da Farmácia Botto e Sousa.

A Igreja de São Jesus da Misericórdia de Alhandra, que ali existiu,



tiu, teve uma relativa importância. Construída no século XVI, ocupou aquele espaço até finais do século XIX, altura em que foi demolida, sem grandes justificações, apesar de se encontrar em razoável estado de conservação. Ainda chegou a funcionar como Matriz de Alhandra, durante o período em que a igreja de São João Batista ainda estava em reconstrução, a recuperar do incêndio de 1887.

CORETO DE ALHANDRA

No espaço ajardinado da Praça Soeiro Pereira Gomes, em Alhandra, ergue-se o seu famoso coreto, construído em 1934 com as dádivas recolhidas numa subscrição pública. É a mais bela peça do mobiliário urbano de Alhandra. A estrutura octogonal, de ferro fundido, foi erguida sobre a base de alvenaria pelos mestres operários da vila, que aderiram à iniciativa dando trabalho em vez de dinheiro. Danificada pelo tempo e pela intervenção malévola de desconhecidos, a construção foi recuperada em 2001, com verbas do Programa Operacional do Ministério da Cultura, exibindo hoje de novo a sua bela cúpula, reconstruída manualmente.

Símbolos por excelência da democratização da música, enquanto elemento cultural, e de fruição dos tempos livres pelas populações mais desfavorecidas, os coretos multiplicaram-se na Europa a partir de finais do século XVIII, associados às ideias de Liberdade e Igualdade da Revolução Francesa. Acarinhados pelo povo como coisa sua, nas avenidas, praças ajardinadas e jardins públicos onde foram edificadas, tornaram-se peças importantes do património cultural colectivo. Destinado a funcionar como palco das actuações ao ar livre

da banda filarmónica da Sociedade Euterpe Alhandrense, sua proprietária, o Coreto de Alhandra já acolheu diversas outras actividades. Uma das mais interessantes e originais foi o Desfile de Moda que culminou o Curso de Valorização Pessoal, em boa hora oferecido às mulheres carenciadas da vila. Neste jardim podem ainda ser apreciadas várias estatuetas e uma pequena traineira, ali colocada para enaltecer a importância da actividade piscatória da vila.



TEATRO SALVADOR MARQUES

(Alhandra)

Junto ao coreto do jardim da Praça Soeiro Pereira Gomes encontra-se ainda o edifício do Teatro Salvador Marques. Iniciada em Março de 1886, com dinheiro de uma subscrição pública, a construção do Teatro Salvador Marques foi interrompida pouco depois, só sendo retomada dezasseis anos mais tarde, por iniciativa de Francisco Filipe dos Reis, sogro de Soeiro Pereira Gomes. A inauguração acabou por ocorrer em Janeiro de 1905. Nessa primeira sessão foi levada à cena a comédia “Comissário de Polícia”, de Ger-vásio Lobato, representada pela Companhia do Teatro Gimnásio de Lisboa.

Durante a sua atribulada vida activa, que durou até 1984, ano do encerramento definitivo, o espaço, dotado de 430 lugares, balcão, plateia, camarotes, restaurante e salão nobre, foi explorado não apenas como teatro mas, também, como cinema, acabando nos últimos tempos por exibir filmes pornográficos.

Nos seus tempos áureos, que duraram até à segunda metade dos Anos 30, recebeu as principais companhias teatrais da época, sem deixar de cumprir a sua principal missão: apoiar os grupos de teatro amador.

Uma das representações não profissionais que fez história foi a revista “Sonho do Luar”, que incluía uma cena dedicada aos miúdos dos telhais, retratados por Soeiro Pereira Gomes n’ “Esteiros”.



O DRAMATURGO DOS SETE OFÍCIOS

Dramaturgo, actor, ensaiador, empresário, livreiro, editor e até vereador à Câmara, Salvador Marques foi uma das mais ilustres figuras de Alhandra, onde nasceu em 1844. Falhada a tentativa dos pais de fazer dele padre, trocou o Seminário de Santarém pela Escola Politécnica, primeiro, e a Escola Médica, depois, fazendo os dois primeiros anos do curso, onde teve como colega Sousa Martins. A paixão pelo teatro foi, porém, mais forte que o fascínio da Medicina, marcando-lhe o percurso.

De regresso a Alhandra envolveu-se nas récitas de amadores e tornou-se actor, conquistando grande popularidade com a representação do papel do protagonista na oratória «Santo António, O Taumaturgo», de Braz Martins. Atraído pelo fascínio de Lisboa, onde fervilhava a vida nocturna, partiu em busca do sucesso, oito anos mais tarde, dedicando-se a tempo inteiro às artes de palco.

Produziu dezenas de espectáculos e escreveu mais de vinte originais de teatro, o mais popular das quais foi a peça “Os Campinos”, representada por amadores e profissionais. Em parceria com Sousa Bastos, marido da actriz Palmira Bastos,

tornou-se empresário do Teatro das Ruas dos Condes, estendendo depois essa actividade aos teatros Avenida, Trindade, Príncipe Real e Rato. Foi ainda director literário dos Teatros D. Maria II e Ginásio.

Embora não tenha sido jornalista profissional, ajudou a fundar os magazines “O Toureiro” e “Contemporâneo” e escreveu sobre teatro no “Eco Musical”, no jornal católico “Novidades” e no “Jornal da Noite”, ligado a “O Século”.

Morreu a 15 de Fevereiro de 1907, dois anos depois da inauguração do teatro que ajudou a fundar e adoptou o seu nome, vítima de ataque cardíaco.



MONUMENTO À TAUROMAQUIA

(Alhandra)



No passeio ribeirinho de Alhandra ergue-se o Monumento à Tauromaquia, uma originalíssima escultura de Manuel Patinha que venceu um concurso público aberto pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Polémica, como é próprio das obras de arte, a escultura representa um toiro e um forçado, num registo assumidamente abstracto.

A Cultura Tauromáquica é um elemento estruturante da maneira de estar e de ser das populações do concelho de Vila Franca de Xira. A paixão pela Festa Brava assinala a identidade própria de quem se orgulha das suas tradições. Tertúlias, toureiros e criadores de gado

reúnem-se todos os anos, para manter viva essa chama, nos dias que antecedem a Festa do Colete Encarnado. A iniciativa já passou a integrar também o Congresso do Ribatejo, fórum de debate das problemáticas regionais, do desenvolvimento e do futuro.

O passeio ribeirinho é um espaço muito agradável, onde existem bancos e mesas sob um alpendre, um mini-circuito de manutenção, um forno comunitário e, até, instalações sanitárias para cães. Este corredor junto ao rio tem uma extensão de dois quilómetros, ligando Alhandra a Vila Franca de Xira.

PELOURINHO DE ALHANDRA

Largo Moisés do Carmo (Pátio da Câmara)
(Alhandra)

Guardado actualmente pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, a aguardar o momento oportuno para ser recolocado no espaço público, o pelourinho maneirista de Alhandra tem características únicas, que o diferenciam dos pelourinhos de Alverca, Povos e Vila Franca de Xira. A avaliar pelo perfil da coluna, mais simples do ponto de vista arquitectónico, e pelos elementos que o decoram, deverá ter sido construído já no reinado de D. João III. A diferença em relação aos outros três é que todos eles são anteriores e mais elaborados, do reinado de D. Manuel I.

A base prismática, quadrangular, possui losangos em relevo nas quatro faces; e o fuste cilíndrico tem dois tambores, separados por toro.

Desmontado peça por peça e retirado do local onde tinha sido instalado – a actual Praça 7 de Março – em consequência da extinção administrativa do concelho de Alhandra, foi guardado em depósito na Quinta dos Bichos, em S. João dos Montes. O homem que tomou essa decisão e salvou a maior parte das peças da destruição foi o farmacêutico da terra na época, Abel Pereira Botto.

Classificado como (único) Imóvel de Interesse Público da vila desde 1933, foi estudado, reconstituído e completado com os elementos de pedra que faltavam em 1972, mas a recolocação foi sendo adiada. Remontado e limpo de novo, já no século XXI, deverá ser oportunamente reposto no seu local de origem.

Símbolo da autonomia judicial e administrativa de que Alhandra beneficiou do século XVI ao século XIX, englobando então Calhandriz e São João dos Montes, é um monumento histórico de que a população gosta.







UMA POVOAÇÃO MEDIEVAL

Apesar de ser muito escasso o conhecimento histórico sobre as origens de Cachoeiras, pode afirmar-se com alguma segurança que a povoação existia na Idade Média. É uma datação muito vaga, atendendo ao facto de esse período ir do ano 466 até à Queda de Constantinopla, actual Istambul, (Turquia), então chamada Bizâncio, em 1453. A certeza da sua existência nesse período decorre da alusão documental a uma Quinta ali existente e à descoberta no Alto do Monte da Igreja Velha de restos da construção de um templo e objectos cerâmicos e metálicos.

Antes disso parece ter havido, logo na Pré-História, presença humana no local, a avaliar pelos achados do Casal da Boiça. Os vestígios ali descobertos, relativos a uma presumível Villa Romana, inscrita no Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira, está até protegida por uma resolução do Conselho de Ministros de Março de 1993, relativa ao património arqueológico. Ali se determina que o sítio deve ser protegido e preservado e se sujeita toda e qualquer abertura de vias, canais, construções ou demolições a uma avaliação prévia dos técnicos de arqueologia adstritos aos serviços da Câmara, Junto à estrada do Casal da

Boiça encontra-se também o que resta do Torreão das Linhas de Torres, do período das Invasões Francesas, que, apesar da área ter sido urbanizada, foi minimamente preservado.

Nas primeiras décadas do séc. XIX, a freguesia rural de Cachoeiras pertencia ao (então existente) concelho de Alenquer, e bem assim à Casa da Rainha, só tendo sido integrada pela primeira vez em Vila Franca de Xira depois da Revolução Liberal de 1834. Depois disso ainda pertenceu, durante quase cem anos, a Loures, regressando definitivamente à jurisdição administrativa de Vila Franca em 1926.

Afastada das principais vias de comunicação da região – o rio Tejo, a Estrada Real e os caminhos-de-ferro – a escassa população da freguesia assumiu historicamente as características próprias da sua interioridade, organizada em quintas e casais e vivendo sobretudo da agricultura e da vinha.



IGREJA MATRIZ DA SENHORA DA PURIFICAÇÃO

Rua do Miradouro
(Cachoeiras)



Exemplar da arquitectura rural maneirista e barroca, construída no século XVI, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação, em Cachoeiras, é um dos mais importantes edifícios religiosos do concelho de Vila Franca de Xira. Reconstruída logo a seguir à expulsão dos espanhóis, em 1641, foi redecorada nos séculos XVII e XVIII. São particularmente interessantes os recantos de talha dourada, existentes no seu interior. A capela-mor está revestida de azulejos policromados de padrão seiscentista. E nas paredes e no tecto da nave existem pinturas sobre madeira, dos séculos XVI e XVIII, respectivamente.

Classificado como imóvel de interesse público, este tem-

plo de uma só nave tem como principal motivo de interesse o túmulo de Bartolomeu Dias. O tecto é de madeira, tal como o púlpito, ladeado por uma capela com arco de volta perfeita, delimitada por grades de ferro forjado. A pia baptismal é quinhentista e o lavabo da sacristia do século seguinte.

O trono desta igreja, dedicada a Nossa Senhora, tem uma coroa suportada por anjos, e o altar está decorado com imagens da Senhora da Conceição, São Francisco, São Sebastião e São Pedro.

As festas das Cachoeiras, em honra da Senhora da Purificação, a padroeira, realizam-se todos os anos em Setembro.

QUINTA DA GRANJA

A Norte do aglomerado urbano
(Cachoeiras)



Construída no século XVI, a Quinta da Granja, na freguesia de Cachoeiras, que foi propriedade do Duque de Palmela e seus descendentes, acolhe desde 2001 o Mosteiro do Nascimento da Mãe de Deus, de monjas, que faz parte da Igreja Católica Ortodoxa de Portugal. O antigo palacete, dotado de capela, adega, lagar de vinho, currais e locomóvel a vapor, é hoje um local de culto, considerado pelos seus utilizadores como o mais belo templo ortodoxo da Península Ibérica.

Um painel de madeira, ladeado pelos arcanjos Miguel e Gabriel, separa agora a parte sagrada da nave. A pintura mostra per-

sonagens bíblicas, do rei David aos doutores da Igreja, passando pelos profetas e os apóstolos. A antiga capela da quinta, decorada com ícones alusivos à evolução da Igreja Católica Ortodoxa de Portugal, é agora dedicada a São Sérgio de Radonége, um dos mais importantes santos russos.

Imagens oferecidas por comunidades estrangeiras em Portugal decoram o átrio, com destaque para a representação de São Jorge a matar o dragão, doada pelos georgianos. E no interior há santos de várias nacionalidades: portugueses, gregos, romenos.

QUINTA DAS COVAS

Rua Gastão Luís Pecantet
(Cachoeiras)



Demarcada no século XVI, a Quinta das Covas, foi durante a maior parte da sua história admirada como a grande propriedade agrícola de Cachoeiras, repleta de vinhedos e laranjais. O conjunto arquitectónico era bastante vasto e abrangente, integrando a zona de residência dos proprietários, lagares de azeite e vinho e vários edifícios anexos, onde habitavam os caseiros e eram recolhidos os animais.

Apesar da confortável dimensão, a área edificada da quinta foi ainda ampliada, nos séculos XVIII e XIX. A grande mudança

operou-se, porém, no início da década de 90 do século XX, altura em que foi adaptada para funcionar como unidade hoteleira de turismo de habitação no espaço rural, com piscina ao ar livre.

Actualmente, a Quinta das Covas de Cachoeiras alberga uma Casa de Repouso, razão pela qual está fechada a qualquer visita, só podendo ser apreciada do exterior.

QUINTA NOVA DO CAMPO

Estrada Nacional 115
Próximo da povoação de Cadafais
(Cachoeiras)

Outra importante Quinta da freguesia de Cachoeiras é a Quinta Nova do Campo. A propriedade encontra-se junto ao quilómetro 4 da Estrada Nacional 115, próximo da povoação de Cadafais.

A Quinta Nova do Campo, fundada no século XVI pela Irmandade do Santíssimo Sacramento de Cachoeiras, incluía casa rural de habitação, lagar de vinho, celeiros, estábulos e armazéns.

Iniciado no século XIII, em plena Idade Média, em associação com a Festa do Corpo de Deus, o culto do Santíssimo Sacramento, que pode assumir características diferentes, conforme o rito do Ritual Romano, exalta a fé na presença de Cristo na Eucaristia, apelando à adoração.





PARTE III

PATRIMÓNIO DE SÃO JOÃO DOS MONTES



UM TERRITÓRIO TEMPLÁRIO

Fundada em 1320, em terrenos que tinham sido doados por D. Afonso Henriques, duzentos anos antes, aos templários, já fugidos nesse início do século XIV à perseguição do Papa francês Clemente V, São João dos Montes mantém as suas características rurais. A paisagem é pontuada por nostálgicas azenhas e moinhos de vento, a maioria dos quais em ruínas, e por vestígios das antigas fortificações das Linhas de Torres. Alguns desses moinhos ainda funcionam, nomeadamente os que resistem ao tempo em Trancoso e na Serra de À-do-Formoso. É nessa montanha, que faz as delícias dos caminhantes na Festa da Primavera, que são mais visíveis, do lado Sul, os vestígios das barreiras anti-napoleónicas. São miradouros deslumbrantes sobre a paisagem.

O território já tinha sido habitado no período da ocupação romana da Península Ibérica, conforme ficou provado pela descoberta de uma lápide funerária em São Romão, topónimo de resto associado a essa presença.

No século XVII, São João dos Montes inicia um período de desenvolvimento, com o surgimento da Quinta de Suberra,

fundada em 1633 pelo Capitão das Índias Diogo da Veiga. Apesar de pequena na sua dimensão, a freguesia evoluiu economicamente, uma vez que a Quinta fez nascer a povoação de Suberra e atraiu a nobreza e a fidalguia, que ali se instala e funda, sobretudo no século XIX, outras quintas, exploradas como espaços de cultivo e usufruídas como zonas de lazer, dada a excelência das águas e a limpidez do ar que se respira. É o caso da Quinta dos Bichos, onde emerge uma belíssima moradia rural; da Quinta do Repouso, pertencente aos herdeiros dos Barões da Regaleira, repleta de pomares e vinha; e da Quinta dos Carvalhos. À medida que a população ia crescendo, iam surgindo os Casais, as azenhas, os moinhos, os lagares de azeite. Num dos mais famosos, o Casal do Tojal, implantado numa escarpa de difícil acesso, foi encontrada grande quantidade de cerâmica. Chegou mesmo a ser construída na povoação uma ponte, sobre a ribeira de Santo António. O cultivo dos cereais e a exploração da vinha são, historicamente, e ainda hoje, as principais fontes de riqueza de São João dos Montes.



ERMIDA DE SÃO ROMÃO

Alto de São Romão
(São João dos Montes)

Erguida no século XVII, no ponto mais alto do Monte de São Romão, na freguesia de São João dos Montes, a Ermida de São Romão é uma pequena relíquia de pedra, de grande beleza estética e arquitectónica. Em redor do templo cresceu um aglomerado populacional, que beneficia da beleza natural da paisagem, e da excelência da vista que dali se desfruta sobre as terras em redor. O caminho de terra aberto até lá é um convite aos amantes dos passeios pedestres, permitindo ao mesmo tempo a passagem dos automóveis.

Este templo de nave única, com arco triunfal, à boa maneira da época, já chegou até a ser considerado, pelos apreciadores da arquitectura religiosa rural, o mais belo exemplar do concelho de Vila Franca de Xira. O seu interior está decorado com painéis de azulejos seiscentistas, de tapete, cuja espectacularidade é ainda perceptível, apesar de já não se encontrarem em bom estado de conservação. Dois dos seus três altares surgem de um lado e outro do arco triunfal. O terceiro, o altar-mor, ostenta um retábulo de talha policromada.

Sobre a porta da ermida está colocada, do lado de dentro, uma lápide funerária romana, descoberta no local, que prova

que São Romão já era habitado há perto de dois mil anos, sendo certo que muito antes disso se registou ali presença humana. Um machado e fragmentos cerâmicos pré-históricos, encontrados nas imediações, testemunham isso mesmo. A importante descoberta foi anotada pelos especialistas que elaboraram o documento que serviu de base à revisão do Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira (AAVV, 2008: 49), no caderno dedicado ao património histórico concelhio, cuja importância é devidamente sublinhada.



AS LENDAS DE SÃO ROMÃO E DOS CAVALEIROS SEDENTOS



Quem foi São Romão? Um soldado romano? Um monge francês? Ou um homem do povo, vulgar e português? A religiosidade popular diverge muitas vezes da narrativa oficial da Igreja e da historiografia científica, criando o seu próprio culto. Como explica a investigadora Vera Irene Jurkevics (2004: 200), no seu estudo sobre os santos da Igreja e os santos do povo, “o devoto não precisa da autoridade eclesiástica para cultuar o seu santo de devoção”. Em redor de São Romão existem três histórias diferentes, ficando ao critério dos crentes a opção por uma delas. Para uns, São Romão foi um soldado romano do século III, que aderiu ao cristianismo, e foi deca-

pitado, ao presenciar a tortura do diácono da Igreja de Roma. Para outros, foi um monge francês de inícios do século V, que tinha o dom de curar leprosos. E para outros, ainda, terá sido um homem do povo, que a crença popular associa à lenda da chuva e da seca.

A Ermida de São Romão, de São João dos Montes, está por sua vez associada à lenda dos cavaleiros sedentos (talvez caçadores, talvez guerreiros) que quando se encontravam prestes a morrer de sede encontraram ali uma pequena fonte, que lhes salvou a vida, mandando por isso edificar no local o templo em honra do santo.

IGREJA MATRIZ DE SÃO JOÃO BAPTISTA

Interior da povoação
(São João dos Montes)

Templo de uma só nave, que guarda imagens sagradas antigas, de boa qualidade escultórica, a Igreja Matriz de São João Baptista, em São João dos Montes, data do século XIV. Foi mandada construir por volta de 1320 por Fernando Bulhões, proprietário da Quinta e do Morgadio dos Bulhões. Contrariamente ao que alguns pensam (e múltiplas vezes tem sido escrito e repetido), este Fernando de Bulhões nada tem a ver com o monge franciscano que adoptou o nome de António e foi canonizado pelo Papa Gregório IX. Desde logo porque o popular Santo António de Lisboa viveu um século antes. Foram muitos os Bulhões que existiram em Portugal ao longo dos séculos, sobretudo nas regiões de Lisboa, Viseu, Aveiro e Castelo de Vide. O apelido parece derivar de “brigões” (pessoas que “andam à bulha”), coisa tipicamente portuguesa.

O edifício actual da igreja é do século XVI, edificado em substituição do que foi construído inicialmente, que não resistiu ao tempo. Para além do altar, uma das suas peças mais importantes, tem como pontos de interesse as cabeceiras de sepulturas medievais reaproveitadas, sendo a maior parte das lápides funerárias já do século XIX.



QUINTA DO BULHACO

Caminho do Pereiro
(São João dos Montes)



Demarcada na Idade Média, provavelmente no século XIII, a Quinta do Bulhaco, que se ergue junto ao lugar de Trancoso de Baixo, em São João dos Montes, não guarda praticamente sinais dessa época. Os vestígios da construção inicial foram apagados pelas alterações introduzidas no século XVIII, com destaque para a torre central, com pináculo forrado a azulejos. Não existe uma certeza quanto ao verdadeiro fundador desta quinta. Alguns documentos indicam que os pais de Fernão de Bulhões, Martim de Bulhões e D. Teresa Taveira, já possuíam a Quinta do Bulhaco. Outros aludem ao irmão de Fernão de Bulhões, Pedro Martins Bulhões, como tendo sido quem instituiu o morgado do Bulhaco em 1237. O conjunto edificado, em bom estado de conservação, classificado como imóvel de interesse público, organiza-se em torno

do pátio de acesso, que comunica com outro através de um túnel. A Casa Grande, no piso térreo, com janelas de peito, é o lugar da cozinha e das arrecadações. No andar nobre existem sete salas articuladas entre si e revestidas a azulejos do séc. XVIII. As janelas (cinco) são de sacada, com varandas metálicas. É a zona social, destinada à Saleta, ao Escritório e à Sala Grande, outrora mobilada a preceito. O 2º andar, corresponde à área privada, onde foram criados os quartos, com paredes revestidas com lambril de azulejo, sendo as janelas também de peito.

A área edificada não acaba aqui. Há ainda a Casa da Torre, onde funcionava o celeiro; o Casal do Pereiro, com alpendre e pinturas no tecto; e a chamada Casa de Fresco, revestida a azulejos. A quinta possuía ainda cavalariças, cocheiras, lagar e adega, um jardim com tanque circular, um moinho de água e uma das últimas azenhas do concelho de Vila Franca de Xira.

QUINTA MUNICIPAL DE SUBSERRA

Largo 1º de Maio
(São João dos Montes)



Demarcada em 1633, no momento da fundação do Morgado de Suberra, a Quinta de Suberra, hoje património municipal, foi criada pelo rico Mercador das Índias Diogo da Veiga, que até então tinha residência fixa no Brasil. D. Diogo foi um dos fidalgos que enriqueceu naquelas paragens, durante a dominação espanhola dos Filipinas. No regresso a Portugal, aos 58 anos de idade, mandou logo ali construir um belo palácio.

Após a morte de D. Diogo, em 1640, a propriedade passou para sua filha, D. Bárbara de Vasconcelos; e por morte desta, em 1685, para o seu sobrinho, o fidalgo espanhol D. João de Roxas e Azevedo, terceiro filho

do mercador castelhano Thomas de Roxas, originário das Canárias, que veio para Portugal e aqui casou com uma filha bastarda de Diogo da Veiga. Foi este homem, que não obstante ser espanhol (nascido em Madrid) era neto do fundador, que reformou o palácio. D. João de Roxas e Azevedo chegou, de resto, a ser chanceler do Reino, no tempo de D. Afonso VI, e a integrar a Embaixada ao Papa Clemente IX, enviada pelo Príncipe D. Pedro (futuro D. Pedro II), em 1668, para discutir com o Chefe da Igreja Católica os negócios dos bispos em Portugal.

Destruído pelo Terramoto de 1755, o palácio foi mandado reedificar em 1821 pela herdeira D.



Isabel de Lemos e Roxas, benfeitorias assinaladas por uma lápide colocada sobre a fonte fronteira ao palácio. A fidalga casou em segundas núpcias com um general da Legião Portuguesa de Napoleão nas campanhas da Áustria e da Rússia, Pamplona Corte Real, que por esse facto ascendeu à condição de Conde de Subserra. Além de militar, o francófono Pamplona Corte Real era um apaixonado pela política, chegando mesmo a ser nomeado Ministro do Reino por D. João VI.

O palácio viria a ser restaurado e conservado no século XIX pelas continuadoras da linhagem fidalga, D. Maria Mância de Lemos Roxas Carvalho Teixeira Valnia e D. Maria Isabel de Lemos Roxas Saint-Léger. Marquesas de Bemposta e Subserra. Com a morte destas, que não deixaram descendentes,

em 1920, a propriedade passou para as mãos de um sobrinho, José Luís de Almeida, Marquês do Lavradio, que a deixou entrar em decadência e a vendeu, passando depois por diversas mãos até ser adquirida, em 1980, pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

O conjunto – Quinta, Palácio, Capela, Jardins e zonas de lazer – ocupa uma área de 18 hectares e está aberto ao público, tendo também actividade agrícola, nomeadamente, vinícola, árvores de fruta e searas. No que se refere à vinha, em 2008, iniciou-se a sua replantação, tendo actualmente uma área de 3 hectares.

A Quinta tem acolhedoras instalações para as mais variadas ocasiões, tais como aluguer de salas, alojamento, utilização de espaços exteriores e actividades desportivas.

CAPELA DE SÃO JOSÉ

Interessante de ver e apreciar, sobretudo pela beleza dos azulejos seiscentistas que a decoram, é ainda a Capela de São José, da época da construção do palácio da Quinta de Suberra. O santo, cuja festa anual se celebra a 19 de Março, Dia do Pai, é o padroeiro de São João dos Montes.

À semelhança do que aconteceu com o palácio, a capela foi também reformada no século XVII por D. João Roxas Azevedo, que mandou colocar no seu interior um quadro que representa os “Desposórios da Virgem”, encomendado ao pintor régio Bento Coelho da Silveira.

O restauro que se seguiu ao Terramoto de 1755 manteve ali intactos os túmulos de D. João de Roxas e Azevedo e de sua mulher, D. Maria Josepha de Contreras, que o fidalgo espanhol mandou construir em vida. No lugar de Suberra, junto ao Clube Recreativo, existe uma outra capela de S. José, que já serviu de estábulo e celeiro e está muito degradada, com sinais de abandono.



NOBREZA CEDE LUGAR AO POVO

Ponto de encontro obrigatório da alta nobreza lisboeta no século XIX, a Quinta Municipal de Subserra foi adquirida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira em 1980, e após um continuado esforço de recuperação do seu património, está aberta ao usufruto por parte população, que aí pode desfrutar de um espaço que se estende em anfiteatro para o Tejo.

Caracterizada pela sua vertente agrícola, a Quinta Municipal de Subserra tem, actualmente, uma área de vinha biológica de 3ha, numa conjugação das castas Touriga Nacional, Castelão,

Arinto, Moscatel e Fernão Pires, tendo como estruturas de apoio a adega, o laboratório enológico e a sala de provas.

Para além da actividade vinícola, a Quinta Municipal de Subserra oferece um conjunto de actividades, dos quais se destacam os percursos pedestres, bastante valorizados pelos recursos ecológicos, nomeadamente ao nível da flora, e pelos recursos histórico-culturais, sendo possível observar ainda algumas fortificações e percorrer parte da estrada militar da 1ª Linha de Torres, construída aquando das Invasões Francesas do século XIX.



OS JARDINS GEOMÉTRICOS

O traçado geométrico dos jardins da Quinta de Suberra, típico do século XVIII, tornou-se uma das imagens de marca da famosa propriedade de São João dos Montes. A excelência das águas e os bons ares que ali se respiravam sempre fizeram do lugar de Suberra um lugar muito especial. Isso mesmo fez surgir na zona diversas outras quintas, no século XIX, das quais hoje já só restam memórias.

Nos jardins, decorados com bustos e azulejaria da época, ressaltava a belíssima Fonte Rocaille e as grutas. A recuperação feita pela autarquia, que mandou repavimentar as estradas de acesso, enriqueceu o património com um tanque de peixes e um pombal.





PARTE IV

PATRIMÓNIO DE SOBRALINHO



TERRA DA ANTIGUIDADE

Habitado por caçadores recolectores, tendencialmente nómadas, desde a Idade da Pedra Lascada, o lugar de Sobralinho apresenta registos de povoamento após a Tomada de Lisboa aos mouros, no século XII. A prova dessa antiguidade está historicamente confirmada pelos instrumentos e utensílios achados acidentalmente na freguesia, datados do Calcolítico. As descobertas ocorreram na Estação Pré-Histórica do Alto do Pinheiro. Os cruzados que tinham ajudado D. Afonso Henriques a expulsar os mouros da futura capital em 1147, convidados pelo rei a ficar por aqui, foram, pois, alguns desses povoadores.

O território desta pequena freguesia do concelho de Vila Franca de Xira, situada nas encostas da serra de Albufeira, só começou a organizar-se a partir de finais do século XVI. A povoação – inicialmente chamada Soveral, depois Sobral e Lugar de Sobral, e por fim Sobralinho – foi crescendo em redor da Quinta da Capacharica, onde o fidalgo D. Francisco de Sousa, filho de um conde protegido pelos Filipes de Espanha, que então usurpavam a coroa portuguesa, fundou em 1590 o Mosteiro dos Frades Antoninos. A organização administrativa, com o nome de Freguesia

do Espírito Santo do Sobral, e sob jurisdição do concelho de Alverca, só começou a consolidar-se já no século XVIII, com a construção da igreja paroquial. Igreja e convento viriam a ser mandados demolir pelo Duque de Terceira em 1835, já após as Invasões Francesas, para dar lugar a outras construções. A decisão foi uma consequência da Revolução Liberal, que desencadeou a decisão de mandar suprimir as ordens religiosas.

A economia é primeiro de tipo agrícola e só depois industrial. Os casais agrícolas (Quinta do Pinheiro e Quinta do Duque da Terceira, sobretudo) cederam depois espaço à industrialização. E é neste período que surgem os bairros fabris da OGMA e da Pentealã.

No século XIX, por força da presença dos proprietários nobres, esta terra transformou-se em local de veraneio da corte e da alta burguesia da época, que a elegeram como espaço privilegiado de lazer. Aqui existe, ainda hoje, nos terrenos do Palácio, o maior sobreiro de Portugal, com 50 metros de altura.

QUINTA MUNICIPAL DO SOBRALINHO

Estrada Nacional 10
- Sobralinho



Antes denominada Quinta do Sobral de Alverca, a Quinta do Sobralinho foi ao longo de sucessivas gerações residência de campo dos Condes de Vila Flor, que viviam em Lisboa, no Palácio de São João da Praça. O Duque da Terceira, D. António José de Meneses de Noronha (1792-1860), fez dele local de encontro da aristocracia da época, incluindo a família real, adepta das festas de S. João

Baptista de Alhandra, nas quais a rainha D. Maria II foi juiz de 1840 a 1842. D. Pedro V e a rainha D. Estefânia visitaram também o Sobralinho três vezes, hospedando-se o rei no palácio quando vinha caçar às lezírias.

MATOS DO SOBRALINHO

Para além do património construído e da área de parque e pomar de citrinos, encontra-se uma área de matos representativos da vegetação natural do maciço calcário estremeño importante não só pelas plantas endémicas e raras que aí se encontram, mas também por se tratar de uma mancha de vegetação natural actualmente pouco representada no concelho.

Dos antigos carvalhais (*Quercus faginea*) ainda é possível observar alguns exemplares dispersos. O carrascal, primeira etapa de degradação dessa comunidade vegetal, é o mato dominante, numa associação de *Melica minuta* com *Quercus coccinea*.

No olival situado a tardo do Convento de Nossa Senhora dos Anjos, pode também observar-se um número elevado de orquídeas de várias espécies, tais como *Orchis italica* Poiret (flor-dos-rapazinhos), *Barlia obertiana*, entre outras.



PALÁCIO DO SOBRALINHO

Estrada Nacional 10
- Sobralinho



A fundação do Paço do Sobralinho remonta ao século XVII, o qual integra, para além do Palácio do Sobralinho, um parque, constituído por jardins, horta e mata, num modelo de organização característico das quintas que nesse período se formaram nos arredores de Lisboa.

Adquirida pelo Município em 1993, a Quinta Municipal do Sobralinho tem constituído desde então, e após um contínuo esforço de recuperação do seu património, um impor-

tante apoio ao desenvolvimento de acções no âmbito sociocultural, a par de uma actividade agrícola, nomeadamente a horta e o laranjal, e de preservação das características ecológicas.

Para além do Palácio, há que salientar a zona de matos, de grande riqueza ecológica e as ruínas do Convento de Nossa Senhora dos Anjos.

A Quinta Municipal do Sobralinho tem ao dispor da população, para além de renovadas e acolhedoras instalações para as mais diversas ocasiões, tais como seminários, formações, festas e alojamento, um conjunto de percursos e actividades ao ar livre que permitem desfrutar dos espaços exteriores e de toda a riqueza ecológica e relação visual com o Rio Tejo que os mesmos oferecem.



DA RESTAURAÇÃO À DEMOCRACIA

Mandado construir por D. Sancho Manoel de Vilhena, herói da Restauração, nomeado por D. Afonso VI Vice-Rei do Brasil e Conde Vila-Flôr (povoação alentejana do concelho de Gavião que lhe foi outorgada), o Palácio do Sobralinho data da segunda metade do século XVII. O fidalgo mandou-o construir na Quinta do Sobralinho, já de sua propriedade, como segunda residência e zona de recreio, aí recebendo algumas vezes a família real.

O palácio foi remodelado no século XVIII e em 1835 pelos descendentes, que mantiveram o hábito e o prazer das recepções à nobreza, ali acolheram a rainha D. Maria II e D. Fernando II.

Em 1919 foi comprado por D. Camilo Infante de la Cerda, um fidalgo espanhol de nobre linhagem, que em 1940 o ofereceu a sua filha, Lúcia, casada com Armindo Monteiro, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar, que ocupava o alto cargo de embaixador em Londres no início da II Guerra Mundial. O diplomata, pai do escritor Luís de Sttau Monteiro, possuidor de grande fortuna e colecionador de arte, que se preparava para regressar a Portugal, mandou fazer obras profundas no palácio, equipando-o com o que de melhor encon-

trou: quadros, móveis, tapetes, porcelanas. Subitamente, porém, quando tudo já estava pronto, na madrugada de 9 de Fevereiro de 1944, um incêndio destrói tudo.

O correspondente do jornal espanhol ABC em Lisboa, Marino Rico, conta, na crónica publicada em Madrid na edição de 23 de Fevereiro, que “antes que as populações vizinhas pudessem acudir, arde em menos de uma hora absolutamente tudo: palácio, quadros, arquivos, móveis... tudo. Perderam-se nuns minutos milhões e milhões de escudos, livro de história e anos de trabalho... E a ilusão”.



O palácio foi adquirido anos mais tarde pela família Espírito Santo, que em 1955 confiou a sua recuperação ao arquitecto Luís Passolo. Regressou então ao estilo francês do século XVIII, com ajustes característicos do gosto português do Estado Novo: grande porta de entrada, varanda, janelas simétricas, amplo andar nobre, escadaria de acesso ao jardim, uma profusão de azulejos barrocos e neo-clássicos, encomendados às fábricas Constança e Santana. Antero Basalisa, o mais famoso artista da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, pintou os tectos, com motivos semelhantes aos que aparecem nas telas de Jean Pillement.

Postos à venda em 1987, a Quinta e o Palácio do Sobralinho foram adquiridos em 1993 pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, constituindo-se hoje em dia como um importante apoio ao desenvolvimento de acções no âmbito sócio-cultural, a par de uma actividade agrícola, nomeadamente a horta e o laranjal, e de preservação das características ecológicas.



QUINTA DO BOM JESUS

Rua do Bom Jesus
(Sobralinho)

Antiga propriedade do Conde de Farrobo, Joaquim Pedro Quintela, a Quinta do Bom Jesus, no Sobralinho, em adiantado estado de ruína, integra diversos edifícios, que foram sem dúvida bastante interessantes. O conjunto foi edificado no século XVIII e dele fazem parte a área residencial dos fidalgos, a casa do caseiro, alguns edifícios destinados a arrumação e palheiros. Ao espaço nobre da área habitacional está associada uma capela com belos azulejos de temática mariana.



RUÍNAS DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS

A noroeste do Palácio do Sobralinho, nos designados Matos do Sobralinho, da Quinta Municipal com o mesmo nome, encontram-se as ruínas do Convento de Nossa Senhora dos Anjos. A edificação religiosa acolheu os frades capuchinhos de Santo António, congregação fundada no século XVII por iniciativa de D. Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador de Portugal junto da Santa Sé. Os vestígios arquitectónicos da construção, apesar de serem já pouco visíveis, ainda justificam a visita.

D. Francisco de Sousa Coutinho foi um dos heróis da Restauração de 1640 e o principal Embaixador de D. João IV. Mandado para Roma, algum tempo depois da expulsão dos espanhóis, foi o principal impulsor da árdua batalha diplomática pelo reconhecimento pelo Papa da Independência de Portugal.



BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA GERAL

AAVV (2001) - *Memórias de Pedra e Cal*, Catálogo da Exposição, Vila Franca de Xira, edição Museu Municipal - Câmara Municipal Vila Franca de Xira.

AAVV (1991), *O Concelho em que Vivemos*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

AAVV (1998), *O Concelho em que Vivemos*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

AAVV (2007), *Plano de Ordenamento e Gestão para a Reserva Natural do Estuário do Tejo – Etapa 1-Descrição, Volume III*, Lisboa, Hidroprojecto, Engenharia e Gestão SA / Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade

AAVV (2008), *1ª Revisão do Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira, Análise e Diagnóstico, Caderno IV – História e Património, Volume I, Carcavelos*, Ed. Plural, Planeamento Urbano, Regional e de Transportes, 2004; revisto em 2008.

AZEVEDO, Carlos de; FERRÃO, Julieta; e GUSMÃO, Adriano de (1963), *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. III Concelhos de Mafra, Loures e Vila Franca de Xira*, Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa.

CARVALHO, Delmar Domingos (2006), *Os Coretos do Distrito de Leiria*, Lisboa, Inatel.

GERALDO, Coronel José (2010), *José Maria das Neves Costa e As Linhas de Torres Vedras*, Lisboa, Revista Militar.

JURKEVICS, Vera Irene (2004), *Os Santos da Igreja e os Santos do Povo, devoções e manifestações de religiosidade popular*, tese de doutoramento em História apresentada à Universidade do Parana, Curitiba.

MORAIS, Cristóvão Alão de (1690), *Pedatura Lusitana: nobiliário de famílias de Portugal*, 12 Volumes, Porto, Livraria Fernando Machado, 1943-1948.

TORGAL, Luís Reis (1981), *Ideologia Política e Teoria Do Estado Na Restauração*, Coimbra, Biblioteca da Universidade de Coimbra.

BIBLIOGRAFIA

PERIÓDICOS

ALHANDRA, Maria Fernanda d' (2003), Entrevista ao Jornal Vida Ribatejana

GUIMARÃES, A. Maneira (1989), *Salvador Marques*, Vida Ribatejana de 28 de Abril.

MARQUES, Salvador (1877), Artigo sobre os privilégios dos arcebispos, Jornal O Ribatejo, Julho

SACADURA, Augusto (2003), Entrevista ao Jornal Vida Ribatejana, Janeiro.

DOCUMENTOS ON-LINE

Site da Junta de Freguesia de Alhandra.
<http://www.alhandra.net/>

Site da Sociedade Euterpe Alhandrense
<http://sea.no.sapo.pt/>

Site Jornal O Mirante
<http://www.omirante.pt/>

Site da Comissão para a Reabilitação do Teatro Salvador Marques
<http://teatrosmarques.no.sapo.pt>

Site da Paróquia do Divino Espírito Santo do Sobralinho
<http://www.paroquiadosobralinho.org>

CONTACTOS

POSTO DE TURISMO

Vila Franca de Xira
263 285 605
turismo@cm-vfxira.pt

MUSEU MUNICIPAL - NÚCLEOS

Sede

Vila Franca de Xira
263 280 350
sede@museumunicipalvfxira.
org

Núcleo Museológico

Alverca
21 957 03 05

Arte Sacra

Vila Franca de Xira
263 285 620 / 263 288 337

Barco Varino

Vila Franca de Xira
263 280 350 | 263 280 460
turismo@cm-vfxira.pt

Museu Neo-realismo

Vila Franca de Xira
263 285 626
neorealismo@cm-vfxira.pt

JUNTAS DE FREGUESIA

Alhandra

21 951 90 50
geral@alhandra.net

Alverca do Ribatejo

21 958 76 80
geral@jf-alverca.pt

Cachoeiras

263 272 590
jfcachoeiras@mail.telepac.pt

Calhandriz

21 958 81 30
jf_calhandriz@iol.pt

Castanheira do Ribatejo

263 299 747
jf.castanheira@mail.telepac.pt

Forte da Casa

21 953 31 00
jf.fortedacasa@mail.pt

Póvoa de Santa Iria

21 953 96 90
geral@jf-povoasantairia.pt

S. João dos Montes

21 950 07 01
j.f.s.joao.montes@net.novis.pt

Sobralinho

21 950 05 41
secretaria@jf-sobralinho.pt

Vialonga

21 952 09 67
geral@jf-vialonga.pt

Vila Franca de Xira

263 200 770
freguesia@jf-vfxira.pt